

DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA CONTEMPORÂNEA E O PENSAMENTO DE JACQUES DERRIDA

Rodrigo GUIMARÃES¹

- **RESUMO:** Este ensaio busca explicitar os principais “conceitos” e formulações desenvolvidas por Jacques Derrida em sua estreita relação com a literatura contemporânea. Para tanto, considerou-se, de forma mais detida, a elaboração derridiana sobre os operadores textuais como *différance*, espaçamento, *hymen*, *brisura*, *double-bind* e a própria escritura, que também é vista pelo pensador francês como um indecidível.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Jacques Derrida. Desconstrução. Literatura contemporânea.

O conhecimento, tendo devorado tudo,
não sabendo mais que fazer,
considera esta pequena taça de cinza
e este fio de fumaça que ela fez do cosmos
e de um cigarro

Paul Valery (1999, p.213)

O pensamento derridiano corre o risco de ser, em certa medida, reduzido ao “um”, sob a assinatura de um nome, sintetizador e tipificador: desconstrução.

Em entrevista, poucos meses antes de morrer, concedida ao jornal *Le monde*, em 18 de agosto de 2004, Derrida externou seu duplo sentimento: de que ainda não começaram a lê-lo e que poucas semanas após a sua morte não restará mais nada. Não fala de um legado, de instituições desconstrutoras (o que é um contra-senso) ou de herdeiros, mas explicita um desejo de que fique o seu rastro: “O rastro que deixo

¹ UNIMONTES -Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros – Minas Gerais – Brasil.
39401-365 – rodrigo.guima@terra.com.br
Artigo recebido em 28.02.08 e aprovado em 08.06.08.

significa para mim, ao mesmo tempo, a minha morte, vindoura ou já advinda, e a esperança de que ela me sobreviva”².

Quanto aos seus livros, estes são vistos pelo filósofo como espectros ineducáveis que nunca aprenderam a viver. A “lógica do fantasma” aparece em muitas de suas obras, entretanto é em *Espectros de Marx* (DERRIDA, 1994a) que ela é mais bem elucidada e adquire novos contornos. O espectro é o que está entre dois, nem vivo nem morto, nem presença nem ausência; é um retornante que nos impossibilita de controlar suas idas e vindas. Ele faz a referência vacilar, ou não vacila onde deveria fazê-lo.

Sobressai na lógica do fantasma não só esse deslocamento dos lugares, que é um traço comum a toda a escritura derridiana, mas uma “política da memória”, da herança. O que Derrida quis deixar, talvez, foi um espectro, um pensamento questionante, uma lógica (do fantasma, da *différance*, do espaçamento, do duplo corte), enfim, uma operação de desconstrução adequadamente situada no espaço prático-político, como ele afirmou tantas vezes, e não uma teoria ou um método de investigação textual.

Derrida entrou para a história do pensamento do século XX como aquele que forjou o termo desconstrução. Após a década de 1970, essa palavra rapidamente se transformou em moeda corrente dos mais variados discursos, tais como a estética, a análise das instituições, a reflexão política, a teológica e a teoria literária. Todavia, ao circular amplamente, servir de título a diversos textos, referir-se a um corpo de significações de forma sumária e epistolar, foi semantizada em uma rubrica generalista que responde a uma panóplia de imagens, tais como desestruturar, decompor, transgredir, desfazer as referências ou, até mesmo, a destruição gratuita e niilista do sentido (por isso a cunhagem irônica da desconstrução como uma *derri-dada land*). Em muitos textos e entrevistas, Derrida tentou desfazer esse mal-entendido, porém desconstrução já havia se convertido em “desconstrução” dicionarizada, capitalizada como sinônimo de desmantelamento de estruturas ou transformada em eufemismo da palavra demolição (algumas vezes associadas ao nome de Nietzsche ou de Heidegger, embora nenhum dos dois tenha sido, em sentido rigoroso, demolidor).

A operação de desconstrução tal como executada por Derrida não é uma redução neutra ou negativa, tampouco um esvaziamento do Ser e do sentido à maneira da teologia negativa. Ao reverso, a desconstrução “está do lado do sim”; é um pensamento afirmativo, que intervém, que toma “Posições” (título de um dos seus primeiros livros: *Posições* (DERRIDA, 2001)). Aliás, tomar posição no sentido tanto teórico quanto político é uma das marcas de Derrida. Já na década de 1950, ele se opunha ao “marxismo” ou ao “comunismo” real, ao totalitarismo dos países

² Cf. SANTIAGO, 2004, p.5.

do Leste europeu, ao stalinismo ou ao neo-stalinismo. Em seus primeiros escritos, *Gramatologia* (DERRIDA, 1997), *A escritura e a diferença* (DERRIDA, 2002a), *A voz e o fenômeno* (DERRIDA, 1994b), editados em 1967, Derrida analisa como a linearidade da escrita recalcou o pensamento simbólico pluridimensional e se solidarizou à economia, à técnica e à ideologia por meio dos processos de capitalização, de sedentarização e de hierarquização³.

Ao tentar esclarecer aqui as premissas principais da desconstrução derridiana e os equívocos decorrentes de sua vulgarização, não se tem como proposta um “retorno a Derrida”. Os pressupostos teóricos da desconstrução, mesmo em sua acepção mais genérica, resistem à apropriação e ao pensamento da recuperação, sendo que a desconstrução não fundou um “posto”, uma topologia para controlar os lugares, as fronteiras e as margens, o dentro e o fora.

Certamente, a desconstrução derridiana não é uma técnica, um método que segue um programa e aplica regras. Cada intervenção realizada em um texto é singular e irreduzível, como Derrida afirmou muitas vezes. A desconstrução parte do próprio texto que intenciona desconstruir, de seus pontos de guarda, de suas afirmações “auto-evidentes”, de seus conceitos “universais” e dicotômicos, de sua lógica, de seus pressupostos e relações com a metafísica, de suas contradições e pontos de fuga. Em linguagem derridiana, “[...] os movimentos da desconstrução não solicitam as estruturas do fora. Só são possíveis e eficazes, só ajustam seus golpes se habitam estas estruturas” (DERRIDA, 1997, p.30).

A desconstrução derridiana é tributária de três discursos teóricos que contribuíram para descentrar os pilares da metafísica clássica: as contribuições de Nietzsche, com sua crítica dos conceitos de Ser e de verdade; a crítica freudiana da consciência, do sujeito e da identidade a si (o eu não é senhor em sua própria casa, dizia Freud); e o questionamento heideggeriano da ontoteologia e da determinação do Ser como presença.

³ Frequentemente, Derrida se manifestou formal e publicamente contra atitudes totalitárias exercidas por instituições ou pelos Estados. Em 1997, publicou em *Les Temps Modernes*, “Carta aberta a Bill Clinton” contra a pena de morte aplicada a Mumia Abu-Jamal; em 1999, publicou em *L’Humanité* uma carta endereçada ao presidente Fernando Henrique Cardoso, solicitando um julgamento justo a José Rainha, à época, líder do MST no Brasil, e denunciava os gestos repressivos que se acumulavam no Brasil, “as faltas para com a justiça, as promessas não cumpridas”. (DERRIDA, 2004, p. 302). Em sua última entrevista, já citada, criticou duramente a política desastrosa de Israel, a hegemonia americana, o teocratismo árabe-islâmico sem Luzes, a OTAN, a democracia que “continua ainda por vir”, defendeu uma união civil contratual ajustado entre parceiros de sexo ou de número não imposto. Convoca a uma responsabilidade urgente, uma “guerra inflexível contra a *doxa*”, contra os discursos formatados pelos poderes midiáticos, dos *lobbies* político-econômicos. Enfim, Derrida, com seu posicionamento teórico-prático-político, nunca foi relativista, cético ou nihilista.

Embora não exista “a” desconstrução, há, entretanto, operações desconstrutoras efetuadas e “formalizadas” por Derrida em muitos de seus textos que são *reversão* e *deslocamento*.

A *reversão* é o movimento que consiste em desrecalcar o dissimulado e inverter a hierarquia das oposições. Segundo Derrida (1997), o pensamento ocidental, não só em sua dimensão filosófica ou religiosa, mas nos discursos cotidianos, sempre se estruturou em termos dicotômicos: ser *vs.* não-ser; bem *vs.* mal; identidade *vs.* diferença; presença *vs.* ausência; verdade *vs.* erro; espírito *vs.* matéria; masculino *vs.* feminino; cultura *vs.* natureza; vida *vs.* morte; sentido *vs.* contra-senso; estável *vs.* instável; imediaticidade *vs.* representação; fala *vs.* escrita, entre outros. Mas o ponto que ele sublinha é que esses dois termos não representam uma simples oposição, um face-a-face. O segundo termo de cada parte é subordinado ao primeiro, é considerado indesejável, decaído ou corrompido. Dito de outra forma, eles são hierarquizados de maneira a priorizar o primeiro termo, além de sustentar concepções metafísicas mais sutis, como unidade, identidade, presença temporal e origem. A leitura desconstrutora faz uma virada no sentido dessa polarização.

Ainda que as palavras e os conceitos se desloquem constantemente, quer haja ou não uma operação desconstrutora em relação ao texto, elas só adquirem sentido nos encadeamentos de diferenças que ocorrem “dentro de uma tópica e de uma estratégia histórica” (DERRIDA, 1997, p.86). Portanto, em um primeiro momento, Derrida atua nessa clausura histórica, – o *fechamento* – e retira seus recursos da própria lógica que visa desconstruir. Reconhece os cálculos históricos, identifica os sistemas de oposições metafísicas, as redes conceituais e metafóricas que alicerçam esse sistema, bem como as diferenças de lugares e de forças que o estruturam. Em seguida, procura desrecalcar a escolha que privilegiou um dos termos ou uma das séries de signos. Há nessa dinâmica um parentesco com a teoria psicanalítica, o que levou Derrida a enfatizar “diferenças” e reafirmar que essa operação constitui apenas um momento da desconstrução (a reversão).

Já o *deslocamento* (outra operação desconstrutora formalizada por Derrida), trata-se do movimento que desloca as margens do texto, instaura novos termos (quase-conceitos) e efetua outras operações lógicas.

O deslocamento das fronteiras ou do fechamento é uma posição teórico-prática que Derrida desenvolve e que se alinha à idéia de corte, de ruptura, ou de uma inversão simples, que responde a uma visão linear da história. A inversão simples não muda nada, como bem percebeu Lautréamont (2005); ela mantém a antiga ordem, embora invertida. Portanto, as rupturas são fatalmente reinscritas no “velho tecido” que deve ser interminavelmente desfeito. Deslocar as fronteiras não significa apagar os limites, mas multiplicar suas figuras, “complicar, [...] espessar, em desfazer a linearidade, dobrar” (DERRIDA, 2002b, p.58).

Deve-se fazer um trabalho incessante para reorganizar a forma e o lugar em que se coloca a questão, rasurar as interrogações, criar termos. O deslocamento do centro da estrutura não responde ao objetivo de se instalar outro centro, mas de liberar as margens que se convertem em diferenças.

A desconstrução dos conceitos é, sem dúvida, uma das operações prediletas de Derrida. Em *Gramatologia*, por exemplo, ele afirma: “É preciso cercar os conceitos críticos por um discurso prudente e minucioso, marcar as condições, designar rigorosamente a sua pertencença à máquina que eles permitem desconstituir” (DERRIDA, 1997, p.17). Esse é o caso dos conceitos de significante e significado, de sentido próprio e figurado, e tantos outros que o pensamento derridiano busca desconstruir.

Derrida sublinha também como um autor utiliza um conceito sem conseguir cercá-lo devidamente para impedir o vazamento de outros sentidos, tal como acontece com o “suplemento” no texto de Rousseau. Certamente, Rousseau (1998) utiliza-o no sentido de substituição, de imagem representativa, mas em muitos momentos ele abriga outras significações, tais como “acréscimo” (sem ser adição) ou “excedente” (não semantizável). Em decorrência disso, Derrida postula que todo mundo escreve com duas mãos e cada conceito abriga duas marcas. Tal situação exige uma dupla leitura para desfazer o que foi recalcado, anulado ou reduzido por um dos pólos do sistema binário (em que todo conceito encontra-se necessariamente imerso).

Porém, não é suficiente para a dinâmica desconstrutora deslocar os velhos conceitos e identificar ou criar outras noções (indecidíveis), como *phármakon* e *suplemento*. É necessário instaurar novas operações lógicas e conhecer os riscos de tais procedimentos.

Em *Margens da filosofia* (DERRIDA, 1991), Derrida expõe, em linhas gerais, as formas de atuação da desconstrução e seus riscos. A primeira é efetuada sem mudar de terreno, utilizando contra o edifício as pedras disponíveis na casa, isto é, os conceitos presentes no texto a ser desconstruído. O risco dessa abordagem, em sua opinião, é o de confirmar ou aprofundar ainda mais a própria estrutura que se pretende abalar. A segunda linha de desconstrução busca mudar de terreno de maneira descontínua, instalando-se no “fora” e afirmando as diferenças absolutas. O risco dessa escolha é habitar mais ingenuamente o dentro do qual se declara desertar.

Derrida busca entrelaçar essas duas “estratégias” ao escrever nas “margens do texto” (a margem é um outro texto, um tecido de diferenças). Evidentemente, há escrituras que já são desconstrutoras, que abrem brechas no pensamento clássico e abalam seus pilares fundamentais (tais como “representação” e “ser”). Os textos de Artaud, Mallarmé e Sollers, por exemplo, Derrida não desconstrói. Ele simplesmente aponta os movimentos desconstrutores realizados por esses textos e identifica os momentos de indecidibilidade que essas escrituras promovem. Na fase mais avançada

de seu pensamento, aproximadamente duas décadas após seus primeiros escritos, o filósofo francês chega a falar dos indesconstrutíveis, tais como a justiça, os direitos humanos e a democracia, ou da condição indesconstrutível da desconstrução, ou ainda, da impossibilidade de uma meta-retórica do fantasma⁴.

Os indesconstrutíveis de Derrida, como um messianismo sem conteúdo, abrigam uma parcela de indiscernibilidade. Trata-se de operadores textuais que, sob o signo de “indecidíveis”, atuam no processo de desconstrução de um discurso.

Derrida recorre às formulações de Gödel para esboçar sua lógica dos indecidíveis. Os indecidíveis, entre outras coisas, referem-se a uma proposição que, “[...] dado um sistema de axiomas dominante numa multiplicidade, não é nem uma consequência analítica ou dedutiva dos axiomas, nem está em contradição com eles, nem verdadeira nem falsa do ponto de vista desses axiomas. *Tertium datur*, sem síntese” (DERRIDA, 1972, p.248-249).

Há nos textos derridianos uma ampla cadeia de indecidíveis. São, em alguns casos, unidades de simulacro, falsas propriedades verbais (nominal ou semântica), vocábulos singulares que confundem ou desfocam o ato da significação ou as oposições filosóficas, perturbando a articulação do *logos* como valor de discernibilidade entre o falso e o verdadeiro. Produzem também um efeito de *milieu*⁵.

Em suma, os indecidíveis, enquanto articulação textual, inscrevem dilemas sem resolução; jogam sobre a barra flexível do e/ou; promovem quiasmas e paradoxos; e possibilitam lacunas na legibilidade do texto. Segundo Evando Nascimento, a lógica dos indecidíveis implica “um traço do dissimulado naquilo que foi revelado” (NASCIMENTO, 1999, p.212).

O *hymen*, por exemplo, palavra que Derrida vai buscar no texto de Mallarmé, não se deixa significar pela lógica da identidade aristotélica. Seu movimento de dupla negação (nem confusão, nem distinção, sendo ao mesmo tempo “ou bem isso, ou bem aquilo”), seu entre (não topológico) adquire uma força que só pode ser avaliada na “estrutura” da escrita mallarmeana, promovendo uma operação irreduzível que impossibilita sua extração do texto de “origem” e sua fixação como conceito, categoria ou, mesmo, “vaga noção”. Os indecidíveis impedem, de saída, efeitos de

⁴ Deve-se esclarecer que os indesconstrutíveis derridianos, em momento algum se referem às posições estabelecidas pelos códigos vigentes da justiça, do direito, da democracia ou dos discursos marxistas e psicanalistas. Ao revés, “a condição indesconstrutível de toda desconstrução [...] está, ela mesma, em desconstrução e permanece, e deve permanecer; trata-se da injunção, da disjunção do *Un-Fug*. Sem o que, ela repousa na consciência tranqüila do dever cumprido, perde a oportunidade do porvir, da promessa ou do apelo, do desejo também, desse messianismo desértico (sem conteúdo e sem messias identificáveis.” (DERRIDA, 1994a, p.47).

⁵ “meio como elemento que contém os dois termos ao mesmo tempo, meio mantendo-se entre dois termos” (SANTIAGO, 1976, p.49).

sinonímia, operações de substituição (equivalência ou analogia) articuladas por outros termos de igual valor e sentido. O *hymen*, ao significar “membrana” ou “casamento”, articula-se como uma palavra de dupla borda: ora no sentido de separar o dentro e o fora, de polarizar, ora no sentido de fusão ou união. O indecível em sua face de *double bind* (duplo elo ou duplo corte) não é a mesma operação executada por um duplo sentido, que pode significar x e y (como é o caso de *pas de sense*, utilizado por Derrida como “sem sentido” ou “passo ao sentido”).

Ao se interpretar o indecível como um vocábulo de duplo sentido, ocorre uma redução do seu espaço de ambigüidade semântico mediante um processo de formalização de sua face “mais ou menos do que um”; ou seja, há um aplanamento do que se encontra fora da unidade de significação, da posicionalidade da tese.⁶

À maneira do *hymen*, o *phármakon* também é um indecível que Derrida colhe de textos da tradição (o *Phedro* de Platão). Em Aristóteles, ele encontra a palavra *áma*, quase intratável. Ao questionar se o tempo *é* (alguma coisa) ou não *é*, irrompe no texto aristotélico o *áma*, referindo-se “ao devir-tempo do espaço e ao devir-espaço do tempo, ao mesmo tempo, no mesmo lugar”.

Ao desdobrar sua análise a outros textos filosóficos, literários e psicanalíticos, novos indecíveis emergiram na escrita derridiana. A *brisura*, por exemplo, constitui uma sofisticada cópula de duas palavras díspares, como articulação e diferença. Retirada do dicionário *Robert* por Roger Laport (que apresenta o sentido de rotura) e reelaborada por Derrida como *brisura*, com o objetivo de co-relacionar a “articulação da diferença” entre espaço e tempo. A *brisura* simultaneamente articula e desarticula “a unidade imediata do sentido, no qual o ser do sujeito não se distingue nem do seu ato nem dos seus atributos” (DERRIDA, 1997, p.342)⁷.

⁶ Um bom exemplo de um “mais ou menos do que um” encontra-se em *Espectros de Marx*. Derrida (1994a, p.17) utiliza o plural (espectros) para se referir aos fantasmas de Marx em dois sentidos. O “mais de um”, significando “multidão, quando não massas, a horda ou a sociedade, ou então uma população qualquer de fantasmas com ou sem povo, tal comunidade com ou sem chefe – mas também o *menos de um* da pura e simples dispersão. Sem reunião alguma possível”. Em *Gramatologia*, ao falar de um outro indecível, o *suplemento*, Derrida (1997) sublinha que a simples irracionalidade é menos embaraçosa para a lógica clássica do que o *suplemento*, que não é nem presença nem ausência. Blanchot (1997, p.14) também expressa o mal-estar do leitor diante de uma escritura como a de Kafka: “O que torna angustiante o nosso esforço para ler não é a coexistência de interpretações diferentes; é, para cada tema, a possibilidade misteriosa de aparecer ora com um sentido negativo, ora com um sentido positivo”. Blanchot não nomeia essa operação de indecibilidade, mas a semelhança, nesse contexto, com a formulação derridiana do *phármakon* é notória.

⁷ Esse corte-conexão da *brisura* constitui um tipo de operação que intenciona circunscrever o “nascimento” da sociedade e da língua, por exemplo, que se dá concomitantemente à proibição do incesto. Assim definido, não há dois momentos separados e encadeados linearmente: interdição seguida de articulação simbólica.

Ao ampliar a lexicografia dos indecíveis, Derrida faz algumas ressalvas no sentido de que não se trata de riqueza lexical, de um alargamento ou aprofundamento de uma infinidade semântica de certa palavra ou conceito; o que conta é uma práxis formal derivada de uma sintaxe que os operadores textuais compõem ou descompõem. Em síntese, ao aplicar-se essa inovação vocabular como conceitos abstratos exilados dos textos que o produziram, corre-se o risco de transformar um conjunto de procedimentos desconstrutores em uma prática regulada e metódica e perder o contato com uma certa experiência do impossível ou da irrupção do inconsciente, na perspectiva psicanalítica.

A escritura derridiana também utiliza outros recursos de “deslocamento”, como o “enxerto”, que se refere a uma incisão inaparente na espessura de um texto ou a uma inseminação de um outro texto ou de uma cadeia de textos que se deformam mutuamente. Algumas dessas operações se convertem em uma intrincada rede de remissões na qual um texto cita o outro, que, por sua vez, cita um terceiro, e assim sucessivamente, em um movimento de descontextualização, aparentando pura dispersão (embora seja um ato calculado).

Essa prática citacional tem um forte efeito desterritorializador, com citações truncadas, suspensões, secções ou imensas notas de rodapé que se estendem por páginas e assumem o lugar do texto “principal”. Em alguns momentos de seus primeiros textos, Derrida radicalizou esses procedimentos “experimentais”. Esse é o caso de *Glas* (DERRIDA, 1990), em que dois textos diferentes (um dialogando com Jean Genet e o outro com Hegel) desdobram-se, lado a lado na mesma página, percorrendo toda a obra (são separados apenas por arranjos tipográficos diferenciadores, permeados por glossários que irrompem no meio do texto, acrescido por entradas de um “estilo literário” num texto filosófico, entre outros recursos “anômalos”).

Todos esses recursos visam privilegiar as cadeias metonímicas, em vez dos processos metafóricos mais comprometidos com a ontologia e sua rede de analogias, mimeses e representações. Para designar esse deslizamento metonímico sem lugar de chegada (*telos*), cuja genealogia não tem um ponto de partida, Derrida cunhou o termo *disseminação*. Trata-se de um processo que se inicia no múltiplo, no sêmen, rompe com qualquer suposição de um caminho de volta rumo à semente/matriz. Desloca-se fragmentando e engendra uma lógica contraditória que introduz a diferença no interior do mesmo. É um movimento que não pode ser circunscrito pela lógica da castração, da verdade, da lei, da organização do simbólico, da dialética intersubjetiva, da falta ou da fala plena⁸. A dissimetria do gesto na disseminação à maneira de um desatamento abre uma dificuldade na escritura que não pode mais se

⁸ como se vê em Lacan (1998).

apoiar no parapeito do *logos* nem mesmo na concepção de polissemia e de seus vários níveis semânticos, pois esta ainda representa um momento do sentido, mesmo que plural, dentro do horizonte de significação que reorganiza uma retomada unitária sob a égide dos categoremias ou de uma dialética teleológica e totalizante (ainda que o desígnio final seja apenas presumido, implícito em um devir-síntese, uma re-apropriação).

Essa idéia de ausência de um significado “transcendental” em uma cadeia metonímica de re-envios de rastros, de rastros de rastros (e não de *entes* ou de significantes, como no esquema de Saussure ou de Lacan), é o que Derrida, em alguns momentos, chama de *jogo*, entendido como um movimento que amplia infinitamente o domínio da significação, em vez de restringi-lo ou aniquilá-lo. Essa cadeia metonímica dissociativa não tem “lugar”, não corresponde a nenhum tipo de lógica topológica, mas ela *dá lugar*. A disseminação, diz Derrida (2004, p.232), “[...] desfaz o elo simbólico da escrita com a marcha, o caminho, o trilhamento, desvinculando assim a intriga entre o olho, a mão e os pés, teríamos então de nos haver com os sintomas de uma outra fase histórica”⁹.

Mesmo que a disseminação se constitua como uma *destinerrância*, uma dispersão irreversível e interminável sem reunião possível, abrindo incessantemente questões “que não estão em potência de resposta”, e que ameaça a lei do significante e seu contrato com a verdade, não se trata de acrescentar palavras a esmo, extrapolar. Quem assim procede, pontua Derrida, “não terá entendido nada do jogo [...] Se afetamos a língua com alguma coisa, é preciso fazê-lo com refinamento, respeitando, no irrespeito, a sua lei secreta” (DERRIDA, 2004, p.15)¹⁰.

⁹ Ao recorrer às comparações, Derrida sublinha as “diferenças” presentes no cerne das analogias, que, a seu ver, são mais interessantes, incisivas e determinantes do que a identidade.

¹⁰ Da mesma maneira que os críticos de Derrida aproximam ou reduzem suas formulações sobre a *inversão* às da teoria psicanalítica, o mesmo acontece em relação à teologia negativa (discurso que aborda Deus pelo que ele não é, recusando qualquer tipo de predicação. A aproximação da divindade ocorre por um processo de intuição transcendente de Deus que excede às possibilidades da linguagem). Sem dúvida que na escrita derridiana comparecem sinais que se assemelham à teologia negativa (sobretudo aos textos de Mestre Eckhart (1998) e Angelus Silesius (1988)) como as partículas de negação: *des*; *nem... nem* (dos indecidíveis); *a/sem*; os paradoxos à maneira de Silesius; o recurso da apófase (proposição negativa); e as frases copulativas (p. ex.: o real é o im-possível não negativo). Em poucas palavras (correndo todos os riscos de uma simplificação), a teologia negativa age segundo o princípio da inefabilidade de Deus, afirma a impossibilidade de nomeá-lo, enquanto a desconstrução é afirmativa, seu ir além do nome dá-se por meio do nome, no nome, e não por nenhuma experiência mística de *hiper-essencialidade*, de desvelamento da verdade (*alétheia*) com o intuito de alcançar uma plenitude com a divindade. A desconstrução não se fia no pólo oposto da afirmação, como a teologia negativa que se vale da ausência, do desfiladeiro sem fundo do deslocamento de um significante supostamente sem referente (Deus), mas que se rende a uma re-apropriação do sentido transcendental na unidade mística. A desconstrução, alargando o discurso afirmativo e negativo, não se constituiu em uma antimetáfísica (embora seja extremamente crítica em relação à metafísica). Ela pauta-se no terceiro gênero de discurso (a *khóra*, de Platão), irreduzível às oposições binárias e às soluções

No processo de disseminação, há toda uma cadeia de indecidíveis que vão tecendo uma intrincada trama nos textos derridianos, como rastro, espaçamento e *différance*, entre outros.

Após apresentar, de forma sumária, algumas das operações da desconstrução propostas por Derrida em seus textos, como a *reversão* e o *deslocamento*, passa-se a imprimir uma re-marca no texto derridiano, uma topografia de margens instáveis, para diferenciar, em linhas gerais, duas formas de operações dos indecidíveis. A primeira diz respeito aos indecidíveis com dupla borda, tais como o *phármakon* (remédio e/ou veneno), a *brisura* (articulação/diferença), o *hymen* (fusão/distinção) e o suplemento (substituição/acréscimo). A segunda envolve os “indecidíveis” sem bordas localizáveis. É o caso do *espaçamento*, do *rastro* e da *différance*.

Diferença e a diferença

Os indecidíveis com borda, mesmo que não correspondam à lógica da identidade, muitas vezes, relacionam-se a uma palavra específica de um texto do qual foram extraídos; ou seja, são tutelados por um nome, uma marca. Por certo, não respondem a uma topografia, entendida aqui em sua acepção de estrutura e de fixação dos lugares, mas inserem-se em um mapa de bordas instáveis.

Há, porém, outra rede de indecidíveis na escritura derridiana, os sem bordas localizáveis, que são mais difíceis de serem apreendidos do ponto de vista da formulação teórica. Essa dificuldade de apreensão dos operadores textuais “sem bordas” deve-se a vários fatores, dentre eles a própria natureza dos indecidíveis, assim como a forma que os textos da desconstrução os apresentam. Eles irrompem na escritura derridiana em feixes, formando um complexo de operações que se reenviam mutuamente. Nunca são identificados por definições, apenas pelas formas de atuação, acompanhadas de um sofisticado aparato teórico e “lógico”. Essa rede de termos assim atuando, com múltiplos endereçamentos, dificulta a criação de mapas de entradas nos textos da desconstrução ou de qualquer coisa que se assemelhe a um “glossário para o leitor principiante”¹¹.

dialéticas decorrente dos pares opositivos. Para um maior aprofundamento da relação da teologia negativa com a desconstrução, confira *Salvo o nome*, de J. Derrida (1995).

¹¹ Faço referência nessa passagem ao *Glossário de Derrida*, obra elaborada por Silvano Santiago (1976) juntamente com seus alunos da PUC/RJ. A forma “glossário” e sua necessária segmentação não dão conta de apreender o movimento de re-envios típicos do texto derridiano (que não tem um fechamento taxonômico), o que levou Silvano Santiago a espelhar os textos da desconstrução com um número demasiado de citações e de remissões circulares dentro do próprio glossário, que acaba por dificultar o percurso do “leitor principiante”. Os vocábulos da desconstrução não são atômicos, “mas pontos focais de

Escolheu-se como “ponto” de partida, respondendo a uma necessidade estratégica de um esboço de formalização do pensamento da desconstrução, o termo *espaçamento*, assim como utilizado por Mallarmé no prefácio ao seu poema “Um lance de dados”¹².

Sobressai nessa nota de introdução a consciência em relação ao *espaçamento* como uma sintaxe, do “branco” como um operador textual que comporta uma significação ativa: produz, gera, agride, articula as diferenças conforme “a mobilidade do texto.” Pode-se dizer que esse é uma branco *brisura*, articula e diferencia simultaneamente, não é o vazio ou a pausa do intervalo, pois ele atua como uma temporalização do sentido. O espaçamento põe em xeque a metafísica da presença, em decorrência do fato de que a abertura que ele proporciona impossibilita a “identidade” de estar presente em si mesma. Abre-se uma aporia no conceito de identidade, pois este necessita do espaçamento, de separar-se de si próprio para poder retornar, reafirmar-se por meio da repetição, o que constitui o seu “próprio”.

No entanto, Derrida re-elabora o “lance” mallarmaico com o propósito de utilizar essa alavanca de intervenção para arrombar o conceito de significante e de significado, à medida que o *espaçamento* e a *différance* não se constituem como signos lingüísticos, *stricto sensu*. Em *Gramatologia* e *A voz e o fenômeno*, Derrida (1997, 1994b) recorre às operações que o espaçamento efetua no sentido para deslocar a noção corrente de escrita como representação da fala. Esta se estabelece como uma das principais críticas da desconstrução ao fonologismo tradicional da metafísica, visto que “na pronúncia nenhum fonema corresponde ao espaçamento entre as palavras escritas”(DERRIDA,1997, p. 72)¹³.

Daí a sua escolha ao propor uma marca muda, o “a” de *différance*, em oposição à grafia normal *différence* (diferença). A troca do “e” pelo “a” tem como objetivo

condensação econômica, lugares de passagens necessários a um grande número de marcas [...] além disso, seus efeitos não retornam a si mesmos no sentido de uma auto-afecção sem abertura. Ou melhor, eles se espalham numa rede sobre a integridade prática e teórica do texto, e a cada vez, de uma forma diferente.” (DERRIDA, 2001, p.40). No entanto, acredito que o *Glossário de Derrida* possa auxiliar aqueles que já percorreram alguns livros seminais do pensamento da desconstrução, como *A escritura e a diferença* (DERRIDA, 2002a), e sobretudo, *Gramatologia* (DERRIDA, 1997), sua obra-ápice.

¹² Sobre o *espaçamento*, para retomá-lo nos seus próprios termos, recorro ao texto de Mallarmé: “Gostaria de que essa Nota não fosse lida ou que, apenas percorrida, fosse logo esquecida; ela ensina, ao Leitor hábil, pouca coisa situada além de sua penetração: mas pode perturbar o ingênuo que deve lançar os olhos para as primeiras palavras do Poema, a fim de que as seguintes, dispostas como estão, o encaminhem às últimas, o todo sem novidade senão um espaçamento de leitura. Os ‘brancos’ com efeito assumem importância, agridem de início...” (CAMPOS; PIGNATARI; CAMPOS, 2005, p.151).

¹³ Derrida evoca, contra o fonocentrismo não só o efeito do *espaçamento*, mas a escrita matemática, ideográfica, hieroglífica e os sinais de pontuação com o propósito de evidenciar a disparidade da escrita fonética (e outras formas de escrita) como espelhamento da fala. Apóia-se também em Freud, que confere ao inconsciente o estatuto de rébus, de hieróglifo, no sentido de não corresponder a uma escrita fonética.

designar uma diferença que se manifesta apenas na palavra escrita, e não na palavra falada, dado que a pronúncia é a mesma.

Essa vogal que não se ouve (“discreta como um túmulo”) vem a calhar com um questionamento da tradição fonocêntrica que privilegia o significante fônico (Platão, Aristóteles, Rousseau, Hegel e Saussure).

Derrida recorre a uma análise semântica (“apenas aproximativa”) da palavra *différance*. O verbo latino “diferir” (*differre*) apresenta duas acepções. A mais comum é “não ser idêntico”. O outro sentido é de “remeter para mais tarde, de ter em conta o tempo e as forças numa operação que implica um cálculo econômico, um desvio, uma demora, um retardamento, uma reserva” (DERRIDA, 1991, p.39).

A dinâmica da *différance* constitui um dos pilares principais do pensamento da desconstrução quando intenciona deslocar a metafísica da presença e o conceito de signo. Não sendo “nem uma palavra nem um conceito”, essa operação aparece nos textos derridianos como um entrelaçamento de diferentes linhas de força e sentido, não apresenta margens, portanto não se deixa interromper ou ser mobilizado por um “ponto de basta” (no sentido lacaniano) que confere à significação a partir de um lugar definido (daí a inversão derridiana, “*différance* não chega”, parodiando a fórmula lacaniana: uma carta/letra sempre chega ao seu destinatário)¹⁴.

¹⁴ Para ser justo com o pensamento lacaniano, deve-se observar que a sua teoria, embora estruturalista, também questiona a ortodoxia do conceito de estrutura. No *Seminário 5*, Lacan reconhece as lacunas presentes em uma estruturação tópica da metáfora e da metonímia, “pois algumas ambigüidades são irredutíveis no nível da estrutura da linguagem”; e a amarração efetuada pelo *ponto de basta*, em que se alinhava a significação ao significante “é somente uma história mística” (LACAN, 1999, p.79 e p.202). Isso não quer dizer que o bastamento não seja possível, e sim que não há um estancamento na cadeia significante movimentada metonimicamente pelo desejo. Mesmo evocando constantemente a sua fórmula consagrada “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, Lacan admite que nem tudo é redutível à linguagem, no sentido de que não há palavra para exprimir o *desejo*. No entanto, o desejo não se encontra no *fora* ou atrás da cadeia significante, porque atrás dela não há nada. Na concepção lacaniana, o que é irredutível à linguagem é incorporado na própria estrutura. Esse é o caso de sua formulação dos nós borromeanos, em que o Real, o Simbólico e o Imaginário se encontram em certa posição uns em relação aos outros (cadeia de três e tal que em se destacando um dos seus anéis os dois outros já não podem se manter ligados). Mas o Real, embora constitua um dos anéis da estrutura, não pode ser mediado diretamente pelo significante, pois ele é “este algo diante do qual todas as palavras estacam e todas as categorias fracassam” (LACAN, 1999, p.209). Portanto, o Real está fora de todo campo demarcável, ou seja, não constitui o *Um* fechado do sentido ou do categorema. Ele é o *Um* da fenda, da descontinuidade, e não da ausência. Assim, a ruptura, o traço da abertura “faz surgir a ausência – como o grito não se perfila sobre fundo de silêncio, mas, ao contrário, o faz surgir como silêncio” (LACAN, 1988a, p.31). Evidência-se, dessa forma, uma estrutura que abriga um elemento não nomeável, um buraco, por assim dizer, e no entorno de sua borda há o escoamento das representações, dos cortes significantes. No *Seminário 7*, Lacan recorre à metáfora do vaso como um significante modelado que possibilita ao vazio e ao pleno entrarem no mundo, bem como à descontinuidade e a diferença inerente à própria cadeia significante. Se para Derrida no “começo” é a *différance*, para Lacan é o verbo, o *Fort/Da*, o significante articulado que irá instaurar a distância entre o corpo e o gozo. Essa distância, porém, é intransponível. Diferentemente da fronteira, que se pode atravessar sem mudança de terreno, a *letra* (que se encontra entre o gozo e o saber) constitui um litoral, “é o que coloca um domínio inteiro como fazendo a um outro [...] mas justamente por não

Paulo Cesar Duque-Estrada em seu artigo “Derrida e a escritura” faz uma excelente síntese da torção derridiana para desconstruir a primazia dos conceitos de significante e de significado. Enquanto unidade de significado, afirma Paulo Cesar, um significante só atua em função de seu lugar dentro de uma cadeia de significantes, o que lhe confere significado. Isolado, fora dessa rede (frase ou sistema lingüístico), ele constitui apenas uma marca indeterminada, e não produz sentido. Em outras palavras, o significante só funciona quando inserido em um sistema de diferenças. Essas diferenças não antecedem essa articulação significante, não existem antes de fazerem parte desse sistema, “o que é primeiro não são as coisas em si (significantes ou significados em si), mas sim uma diferencialidade”(DUQUE ESTRADA, 2002, p.19).

Vêem-se aí não as distinções estáticas entre os termos (a simples diferença), mas as diferenças entre significantes ou, de forma mais precisa, entre diferentes sistemas de diferenças e espaçamentos. Em sua radicalidade, a *différance* é a operação que produz as diferenças. É através dela que se articulam as polaridades sensível/inteligível; presença/ausência; e o *fort/da* freudiano¹⁵. Ela não depende de um elemento sensível, fônico ou gráfico, mas, ao contrário, é a condição destes. Diante do exposto, Derrida formula que, embora a *différance* não exista (no sentido de uma coisa, um *ente*), sua possibilidade é anterior ao signo. Portanto, as ciências positivas podem descrever somente a obra e o fato de seus efeitos. A *différance* torna-se assim

terem absolutamente nada em comum, nem mesmo uma relação recíproca”(LACAN, 1992, p.22). Enfim, uma concepção de estrutura que contém um furo, uma falha, não como erro, mas como parte de sua estruturalidade, certamente possibilita uma elaboração frutífera da arte que se caracteriza, segundo Lacan, como um certo modo de organização em torno do vazio”.

¹⁵ O *fort/da* é uma expressão de uso corrente no meio psicanalítico. Foi elaborada por Freud (1976) em *Além do princípio do prazer* (1920). Ao considerar a produção de prazer envolvida no ato de brincar, Freud menciona sua observação de uma criança de um ano e meio de idade que tinha o hábito de apanhar alguns objetos e atirá-los longe sob a cama para depois procurá-los. “Enquanto procedia assim, emitia um longo e arrastado ‘o-o-o-ó’, acompanhado por expressão de interesse e satisfação”. Tanto a mãe quanto Freud associaram esse “o-o-o-o-ó” à palavra alemã *Fort* (*gone*, ir embora). Posteriormente, Freud observou uma brincadeira do mesmo menino com um carretel de madeira e um cordão amarrado em volta dele. “O que ele fazia, era segurar o carretel pelo cordão e com muita perícia arremessá-lo por sobre a borda de sua caminha encortinada, de maneira que aquele desaparecia por entre as cortinas, ao mesmo tempo que o menino proferia seu expressivo ‘o-o-o-ó’. Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava o seu reaparecimento com um alegre ‘da’ (‘aqui’). Essa, então, era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno”. A interpretação do jogo, óbvia para Freud (1976), diz respeito à encenação do desaparecimento e do “alegre retorno” da mãe simbolizada pelo objeto. Esse é um momento que responde à “economia” de prazer e de transformação de uma situação passiva em ativa. Para Lacan (1983, p.200), a importância dessa manifestação fonemática é que “há aí, desde a origem, uma primeira manifestação da linguagem”, e a criança “introduz num plano simbólico o fenômeno da presença e da ausência”. Em outro texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”(LACAN, 1998, p. 582), Lacan situa o *Fort! Da!* como a inauguração da cadeia significante, releitura que vai além das formulações freudianas.

o mecanismo que possibilita a forma. Vista desse ângulo, ela passa a ser a condição da possibilidade e da impossibilidade da verdade.

Se a operação de *différance* resiste às oposições, ela não age de “fora” do sistema em que atua; ao reverso, ela resiste na condição de sustentá-lo. Essa é a hábil elaboração de Derrida para não tangenciar a metafísica ou os sistemas idealistas e abstratos. É de se observar que *différance* se distancia do inefável, seja ele o Ser ou Deus. Como vocábulo, reconhece Derrida, não passa de um nome metafísico, mas convertida em uma operação que não se apropria de nada, ela não pode ser denegada nem expropriada. E, assim, constrói suas linhas de fuga dos sistemas dicotômicos e estabelece uma lógica diferencial da analogia, em que o “quase”, o “como se” de seu movimento, mantém o retardo, a remissão “do mesmo”; “e, por outro lado, a ruptura, o acontecimento do im-possível, a *différance* como *diaphora*, a experiência aforismática do heterogêneo” (DERRIDA, 2004, p.282).

A *différance*, assim entendida, fissa e retarda a presença. Cada elemento “presente”, fonema ou grafema, nunca está plenamente presente, sempre traz o “rastros” de todos os outros termos da cadeia. Em poucas palavras, o rastro se relaciona com algo que não é ele próprio, retendo a marca de um elemento passado (presente-passado) e já se deixando escavar por um traço futuro (presente-futuro). Operando por retenção e protensão, o rastro escapa à temporalidade clássica: passado, presente, futuro. Por isso, ele não está nem presente, nem ausente, não é “mais ideal que real, nem mais inteligível que sensível” (DERRIDA, 1997, p. 80-81)¹⁶.

Só por meio de uma dinâmica textual Derrida consegue evidenciar que o “rastros” se diferencia do conceito de significante, sendo que o primeiro se constitui de um sistema de reenvios, produzindo diferenças e cadeias de significações, apresentando, ao mesmo tempo, uma face material e outra imaterial. Enquanto articulação, produzindo as diferenças, o rastro não aparece “como tal, ele mesmo”.

Portanto, o rastro, assim como a *différance*, deve ser entendido como uma operação, aquilo que escapa à representação e à estrutura, mas sem deixar de estar inserido em um sistema referencial, em um texto metafísico (por exemplo, o próprio nome, rastro, acaba se convertendo em nome próprio), embora ele “produz-se aí

¹⁶ Quase duas décadas após *Gramatologia*, em que a operação do rastro foi relativamente formalizada pela primeira vez, Derrida radicaliza ainda mais esse indecível ao recorrer a outro termo, a *cinza*, que se relaciona com a operação do queima-tudo (*brûle-tout*), um dos temas principais de seu livro *feu la cendre* (DERRIDA, 1987). A *cinza* reinscreve o rastro como esquecimento radical, incineração total. Ela é a consumação de toda presença que interdita qualquer retorno à origem ou, mesmo, a outras imagens recorrentes do rastro, como *pista de caça, sulco na areia, esteira no mar*: “a cinza é o que resta sem restar do holocausto”. Segundo Evando Nascimento (1999), esse jogo textual destrói até a noção de limite entre memória e esquecimento. Portanto, destitui as relações de força implicadas em noções como recalque, esquecimento, censura e subjetividade.

como o seu próprio apagamento”, um simulacro de presença (DERRIDA, 1991, p.58)¹⁷.

Dessa forma, tanto o rastro quanto a *différance* constituem a “raiz” comum da fala e da escrita. Daí a polêmica formulação de Derrida sobre uma escritura que vem antes da fala. Evidentemente não se trata da escrita entendida em seu sentido corrente, mas da escritura e suas operações de espaçamento, rastro e *différance*.

A escritura antes da fala

Deus torna-se Deus quando as criaturas dizem Deus.
Mestre Eckhart (1998, p.51)

A partir do momento que falo, as palavras que encontrei,
a partir do momento que são palavras, já não me pertencem,
são originariamente repetidas.

Antonin Artaud (2006, p.82)

Derrida, em vários momentos de sua obra, tenta esclarecer a sua concepção de escritura, porém é sobretudo em *Gramatologia e Posição* que ele é mais explícito. A escritura vem antes da fala, mas não se trata de opor o graphocentrismo ao

¹⁷ Evidenciam-se como os termos *rastro* e *différance* se aproximam em suas formas de uso, em suas modalidades inapreensíveis. Se fossemos circunscrevê-los numa conceitualidade clássica, eu diria que ostentam a mesma generalidade, figura e sentido. Como operações dentro de um sistema, muitas vezes se sobrepõem, ficam indiscerníveis. Mas há uma diferença que os distingue. Derrida emprega o termo *rastro* para contrastá-lo com o conceito de significante e, ao mesmo tempo, diferenciá-lo de uma operação puramente abstrata, evocando assim a sua materialidade (uma de suas faces, como foi visto), enquanto *différance* enfatiza a operação da *diferencialidade*. Para um pensamento que se constrói a partir da estrutura, como a psicanálise, a *différance* é uma “noção” que causa embaraços difíceis de serem contornados. Um dos mais destacados psicanalistas franceses, Serge Leclaire, inicialmente discípulo de Lacan (cuja polêmica com Derrida é conhecida), viu-se confuso diante de um termo em que ele reconheceu o valor, mas não soube como situá-lo em seu pensamento. Leclaire, ao falar de uma abertura, uma fenda sensível, um intervalo necessário para que o prazer seja produzido, recorre a uma noção de “pura diferença”, que, por um instante, possibilita um reflexo vazio do absoluto do gozo: “A expressão que emprego aqui por causa de seu valor sugestivo e que evoca a ‘diferença absoluta’ de sabor hegeliano, dever-se-ia aproximar mais do conceito de *différance* destacado por J. Derrida [...] Apesar da distância evidente que separa tanto meu ponto de partida como minha intenção dos de J. Derrida, noto a proximidade de nossos caminhos, que pode ser assinalada pelo recurso necessário àquela expressão. Ser-me-ia, porém, impossível no momento assinalar verdadeiramente o ponto desse encontro” (LECLAIRE, 1977, p. 58).

logocentrismo, e ainda menos de reabilitar a “escrita” e demonstrar sua superioridade em relação ao discurso.

Para o pensador francês, a escritura também vem antes da escrita, da incisão, do desenho, da gravura. Essa afirmação gerou muitos mal-entendidos, uma vez que a palavra escritura (que é um indecível), em termo de sua operação, foi entendida por alguns leitores em seu sentido usual de escrita alfabética, e não em sua acepção ampliada. Obviamente, isso gera equívocos que devem ser esclarecidos para que os textos da desconstrução possam dar-se a ler na amplitude dos procedimentos que eles engendram. Em *Gramatologia*, por exemplo, Derrida (1997) questiona algumas passagens do livro *Tristes trópicos*, de Lévi-Strauss. Este se refere aos indígenas nhambiquaras como um povo “sem escritura”, nômade e que está “entre os mais primitivos do mundo”, vivendo em um território atravessado por uma picada. Para Derrida, a picada, a estrada, a abertura na mata virgem elabora um sistema de repetição, espaçamento e diferença na floresta natural, o que o leva a afirmar: “é difícil imaginar que o acesso à possibilidade dos traçados viários não seja ao mesmo tempo acesso à escritura” (DERRIDA, 1997, p.133). Em outras ocasiões, Derrida critica a posição de Lévi-Strauss que concebe a escrita apenas em seu sentido estrito, como um sistema de notação linear e fonético, e desconsidera os pontilhados e ziguezagues feitos pelos nhambiquaras sobre as cabaças, evocados pelo etnólogo apenas de forma breve e sem conferir-lhe nenhuma legitimidade como inscrição de arquivos culturais.

Algumas sentenças emblemáticas de Derrida sobre a escritura não têm o mesmo grau de pertinência quando fora do jogo textual desenvolvido em suas obras. Por isso, em muitas das entrevistas por ele concedidas, evidencia-se uma tentativa de esclarecer suas idéias que só são paradoxais ou contraditórias quando separadas de seu traçado performativo. Quando ele diz, em *Posição*, que a escritura “literalmente significa nada”, não se trata de um absurdo ou de um contra-senso, pois a idéia de absurdidade é solidária aos conceitos metafísicos do sentido e do não-sentido. Esse nada, o *nothing-ing of nothing* é uma dinâmica da *différance* que sustenta a exaustão do sentido e suspende os seus processos de consumação e de dominação quando se apresentam sob um significante ideal. Quanto mais ideal é o significante, diz Derrida (1994b, p.100) em *A voz e o fenômeno*, “mais ele aumenta a potência de repetição da presença, mais ele conserva, reserva e capitaliza o sentido”.

Para Derrida, o signo e a divindade têm o mesmo local de nascimento, e a época do signo é essencialmente teológica. Trata-se, como ele afirma, de pôr em evidência o comprometimento e a interdependência histórica de “conceitos e gestos de pensamentos”. Se “algo falta para que o círculo seja perfeito”, é justamente o duplo elo (*double bind*) de todo processo de nomeação, que articula de forma ambígua, ao conceder a palavra, tanto o princípio de vida quanto o de morte. *Nem* Mestre Eckart

(a palavra produz a existência em sua nomeação inaugural) *nem* Antonin Artaud (a palavra já nasce morta, repetida). Certamente o signo surge endividado com a repetição, mas no sentido de uma não identidade a si “que remete regularmente ao mesmo”, de um mesmo prótese de si e fora de qualquer relação de propriedade para consigo. Aliás, sobretudo na escrita poética a repetição é sempre heterológica, mesmo que se apresente à maneira de uma tautologia (no meio do caminho, de Drummond), ela fende o horizonte semântico da comunicação e da funcionalidade do signo-sinal, não se deixa ler a partir de nenhum código predeterminado e quando se aproxima de um efeito de pura perda torna-se tão impensável quanto uma máquina definida no seu puro funcionamento sem utilidade e sem rendimento. Por isso que Derrida (1997, p.324) afirma que “[...] a linguagem não é nem a proibição nem a transgressão, acopla-as sem fim uma à outra.

Esse arrombamento “suplementar” da cadeia significante, freqüente na escritura poética, evidencia que o suplemento não é *nem* o representante *nem* o significante, irrompendo justamente no lugar de um “desfalecimento”, de um não-significado, o que impossibilita um retorno à fonte, à gestualidade mítica de um momento inaugural da escritura (como o for/da freudiano).

O “enigma” originário é posterior a um processo de subtração que se difrata como roubo ou dissimulação. A palavra roubada, já circunscrita numa irreduzível secundariedade, não pertence ao emissor e tampouco ao destinatário; é uma palavra aberta, arrombada, roubada à língua e a si própria. Daí a impossibilidade de se “localizar” o Ladrão, o Outro, Deus: “Eu, Antonin Artaud, sou meu filho, meu pai, minha mãe, e eu”. Esse “eu” é atópico, esbarra na dificuldade do limite, representa simultaneamente uma singularidade e uma generalidade absoluta, é quase um nome próprio sem deixar de ser universal. Pode-se, indubitavelmente, situá-lo na fonte da enunciação, mas como desconsiderar que há suplemento na fonte? Daí a impossibilidade de pensar o significante e o significado como as duas faces de uma mesma folha (SAUSSURE, 1995) sem refletir sobre o espaçamento suplementar e o corpo da própria folha.

GUIMARÃES, Rodrigo. The Contemporary Literature in Relationship with Jacques Derrida's Thinking. **Revista de Letras**, São Paulo, v.48, n.1, p.65-84, 2008.

- **ABSTRACT:** *This essay focuses on the main “concepts” and thoughts developed by Jacques Derrida in his close relationship with literature. It aims at showing how the philosopher works with these aspects of language considering the frameworks of his theory that includes “concepts” as différance, spacing, hymen, brisura, double-bind and the own writing as a text operator.*

- **KEYWORDS:** *Jacques Derrida. Deconstruction. Contemporary Literature.*

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ARTAUD, Antonin. **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CAMPOS, Haroldo de; CAMPOS, Algusto de; PIGNATARI, Décio. **Mallarmé**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DERRIDA, Jacques. **Papel-máquina**. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

_____. **A escritura e a diferença**. 3.ed. Tradução de Maria Beatriz Marques Niza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002a.

_____. **A farmácia de Platão**. 2.ed. Tradução de Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 2002b.

_____. **Posições**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Gramatologia**. 2.ed. Tradução de Miriam Chnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. **Salvo o nome: post-scriptum: ensaio sobre o nome**. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. **Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho e a Nova Internacional**. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994a.

_____. **A voz e o fenômeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b. 117p.

_____. **Margens da filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa e António Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.

_____. **Glas**. Nebraska: University of Nebraska Press, 1990.

_____. **Feu la cendre.** Paris: Des femmes, 1987.

_____. **La dissémination.** Paris: Seuil, 1972.

DUQUE-ESTRADA, Paulo César (Org.). **Às margens:** a propósito de Derrida. Rio de Janeiro: Editora da PUC, 2002.

ECKHART. **O Livro da divina consolação e outros textos seletos.** Petrópolis: Vozes, 1998.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer.** Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica.** Tradução de Emannuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

LACAN, Jacques. **O seminário:** livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

_____. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. **O seminário:** livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

_____. **O seminário:** livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988a.

_____. **O seminário:** livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988b.

_____. **Lituraterra. Che vuoi?** Porto Alegre, v.1, n.1. p.17-32, 1986.

_____. **O seminário:** livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1983.

LAUTRÉAMONT, Conde de. **Os cantos de Maldoror.** Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2005.

LECLAIRE, Serge. **Psicanalisar.** São Paulo: Perspectiva, 1977.

NASCIMENTO, Evando. **Derrida e a literatura:** notas de literatura e filosofia nos textos de desconstrução. Niterói: Ed. UFF, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas.** Tradução de Fulvia Moretto. Campinas: Ed. Unicamp, 1998.

SANTIAGO, Silvano. **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILESIUS, Angelus. **Pélegrin chérubinique**. Paris: Artfuyen, 1988.

VALERY, Paul. **Varietades**. Tradução de Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1999.